



50

REVISTA
PORTUGUESA
DE
HISTÓRIA

COIMBRA 2019

O vocabulário da contrição na Castela do século XV

The vocabulary on the contrition in the fifteenth century Castile

LEANDRO ALVES TEODORO

Doutor em História

Beneficiário de um auxílio Jovem Pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo 2017/11111-9) – FAPESP – junto à Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Professor do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – Câmpus de Franca.

leandroateodoro@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-5580-8838>

Texto recebido em/Text submitted on: 25/01/2019

Texto aprovado em/Text approved on: 17/07/2019

Resumo

No século XV, com objetivo de purificar as almas e reformar as condutas dos fiéis leigos, a cúpula eclesiástica da Coroa de Castela passou a promover, de maneira mais intensa e ordenada, a produção de obras pastorais em língua vernácula. Com ênfase em parte dessa produção, especialmente nos sermões proferidos por São Vicente Ferrer em Castela, o alvo deste trabalho consistirá em analisar em que medida esses guias moralizantes ajudaram a naturalizar um vocabulário específico de exercícios voltados para a correção dos pecados. Em outras palavras, este estudo visa questionar a maneira como essas obras procuravam ensinar aos fiéis o papel salutar da contrição nos jogos de redenção das faltas; isto é, do próprio ato de externalização do arrependimento. Partindo dos vocábulos utilizados para nomear as formas de contrição prescritas nesses tempos, outro alvo do trabalho será interrogar como os fiéis poderiam apreender essas palavras e alargar seu vocabulário acerca de termos concernentes ao universo espiritual.

Palavras-chave: Castela; contrição; Idade Média.

Abstract

In the fifteenth century, in order to purify the souls and reform the conduct of the lay faithful, the ecclesiastical leadership of the Crown of Castile began to promote, in a more intense and orderly way, the production of pastoral works in the vernacular language. With emphasis on this production, especially on the sermons given by Saint Vicente Ferrer in Castile, the aim of this work is to analyze the extent to which these moralizing guides helped to naturalize a specific vocabulary of exercises designed for the correction of sins. In other words, this study seeks to question the way these works sought to teach the faithful the salutary role of contrition in the proceedings of redemption of faults, that is to say, the very act of externalizing repentance. Starting from the words used to name the forms of contrition prescribed at that time, another aim of the work is to question how believers could understand these words and broaden their vocabulary about terms concerning the spiritual universe.

Keywords: Castile; contrition; Middle Ages.

No ano de 1497 – quando a prensa móvel se destacava pela produção de obras pastorais em Castela e outros territórios cristãos – foi impresso na cidade de Sevilha o *Vergel de Consolación*, atribuído ao dominicano Jacobo de Benavente, em que são articuladas prédicas de diferentes autoridades cristãs acerca dos rudimentos da fé e de certos atributos de clérigos e religiosos relativos à manutenção das crenças católicas¹. No final, depois de um longo debate acerca das virtudes e pecados, essa obra é enfática ao asseverar que o pregador seria uma luz no mundo e, como “a natureza da luz é sempre luminar”, este mensageiro da palavra de Deus deveria resplandecer “por boa vida, ensino e saber (...)”². Ao explorar o papel dos sermões para a formação cristã, esse livro catequético procurou convencer os pregadores não apenas a ensinar a palavra de Cristo, mas também a ser exemplo vivo de seus conselhos, sabendo como utilizar suas próprias advertências para corrigir a si mesmos.

A compilação de obras com essa proposta pastoral foi estimulada para atender à demanda crescente em Castela, especialmente a partir de meados século XIV, por livros destinados à formação dos clérigos diocesanos e dos pregadores mendicantes. Assim como manuais de confessores ou constituições sinodais, o *Vergel de Consolación del alma* poderia amparar a formação do clero castelhano-leonês e fornecer lições de grandes autoridades do pensamento cristão, como Santo Agostinho ou São Gregório, para que os curas de almas pudessem compor suas prédicas direcionadas às mulheres e aos homens leigos desse período³. Ao manusear esse livro, o clérigo aprenderia, portanto, máximas de pensadores que enriqueceriam sua prédica e embasariam melhor a sua reflexão acerca dos pecados, das virtudes e da salvação. Entre os séculos XIV e XV, a Coroa de Castela intensifica a confecção de livros carregados

¹ No que diz respeito ao número de cópias dessa obra mantidas nos reinos castelhano-leoneses, chegaram-se aos nossos dias três exemplares em latim do texto do *Vergel*, bem como outras versões em vernáculo: quatro manuscritos (três na BN de Madrid e outra no Escorial) e três impressos, destes dois incunábulos (de 1497 e 1499). Fernando Gómez Redondo, *Historia de la prosa medieval castellana. El desarrollo de los géneros. La ficción caballeresca y el orden religioso*, Ediciones Cátedra, 1999, vol. II, p. 2026. Quanto ao seu provável autor, o dominicano Jacobo de Benavente, trata-se de um religioso de meados do século XIV.

² *De la consolacion de la filosofia*/Boecio; trad. de la versión catalana por Antonio Ginebreda. *Vergel de Consolación*/Jacobo De Benavente. Sevilla: Meinardo Ungut y Estanislaio Polono, 1497, f. XXXI.

³ A respeito do papel do *Vergel de Consolación* na Coroa de Castela, o pesquisador Fernando Gómez Redondo considera: “La reforma clerical que se realiza a lo largo del siglo XIV requiere la difusión de tratados de esta naturaleza, que no se hallan muy lejos de los manuales de predicación, de los confesionales ou de los exemplarios (...)” Fernando Gómez Redondo, *Historia de la prosa medieval castellana*, vol. II, p. 2032.

de lições semelhantes às do *Vergel* a fim de ensinar ao clero a utilizar a fala – durante a pregação e a confissão penitencial – como mecanismo de emenda dos pecados e de transmissão de conhecimento⁴.

Uma das propostas da política pastoral do século XV, alimentada pelo *Vergel* e outros livros de conteúdo catequético, era inserir no vocabulário cotidiano dos fiéis de Castela o nome de ações valorativas e úteis para o enobrecimento da alma. A produção pastoral que será serializada neste estudo oferece pistas para analisarmos o papel dos pregadores, como o do célebre dominicano São Vicente Ferrer, para a naturalização em língua castelhana de um jogo vocabular específico: o da contrição dos pecados⁵.

O ofício da pregação

Durante sua estada na Coroa de Castela entre 1411 e 1412, o dominicano São Vicente Ferrer conseguiu se deslocar entre diferentes regiões e proferir uma série de sermões concernentes à redenção dos pecados e aos aspectos cotidianos da vida cristã, como a maneira de assistir às missas ou de se relacionar com outras pessoas de seu grupo. Embora não se saiba exatamente a língua utilizada por São Vicente Ferrer em suas prédicas, já que seus sermões foram registrados em *reportationes* elaborados por possíveis acompanhantes de sua missão, esse pregador procurou se fazer compreendido pelos moradores de cada lugar por onde passava e, assim, conseguir influenciá-los⁶.

No sermão pronunciado no caminho de Zamora a Salamanca entre os dias 7 e 12 de fevereiro de 1412, São Vicente Ferrer, ao abordar a aprendizagem da doutrina espiritual, destaca a importância de suas palavras na vida dos ouvintes.

⁴ Ana Arranz Guzmán, “La Buena Fala del clero y el peligro de escándalo público: un tema de preocupación episcopal” in Isabel Beceiro Pita, *Poder, piedad y devoción: Castilla y su entorno (siglos XII-XV)*, Madrid, Silex, 2014, p. 111.

⁵ A proposta deste artigo resulta de uma pesquisa financiada pelo auxílio Jovem Pesquisador da FAPESP “Ensino da fé cristã na Península Ibérica (sécs. XIV e XV) (PROCESSO 2017/11111-9).

⁶ A respeito desse assunto, o especialista Pedro M. Cátedra afirma: “¿Predicaba san Vicente en una suerte de lengua mixta? A mí me parece que el hecho del uso del castellano en lugares capitales del juego oratorio y del clímax del sermón, evidenciado siempre por el reportator, frente al uso circunstancial del catalán sólo para sustituir palabras no comunes en el latín eclesiástico, habla por sí mismo. Ello sin contar que el aragonés era la lengua que durante mucho tiempo san Vicente habló con mos reyes y con el Papa, mientras fue su confesor y su brazo derecho. La franquicia entre el castellano y el aragonés era entonces resbaladiza y, por tanto, permitía la pronta asimilación de las dos lenguas.” Pedro M. Cátedra, “La predicación castellana de San Vicente Ferrer”, *Boletín de la Real Academia de Buenas Letras de Barcelona*, 39 (1983-1984), p. 285.

tes de seu sermão⁷. Para explicar melhor ao público a ação desempenhada pelo pregador, diz o dominicano: aqueles que possuem o ofício de pregar colocam “o agulhão na criatura pela orelha e pungem-lhes o coração, assim como agora, nesta pregação que eu prego, alguém se sentirá pungido por este agulhão da pregação e doutrina”⁸. Logo na sequência, enriquece sua prédica ao fazer referência ao texto bíblico de Isaías (Is 40,2) com o objetivo de esclarecer que Deus teria ordenado aos pregadores que levassem a Ele os homens desvirtuosos pela estrada da emenda e da correção⁹.

Ao seguir o caminho de outros grandes dominicanos versados na arte da pregação como Humbert de Romans e Étienne de Bourbon, São Vicente Ferrer visava persuadir os fiéis a crer que cada palavra contida em sua narrativa possuía o poder de constrangê-los, a ponto de conseguir conduzi-los pelos meandros da vida cotidiana¹⁰. Para ser mais convincente e chamar a atenção das pessoas à sua volta, esse religioso interpelava os seus ouvintes a partir de uma linguagem inteligível tanto a nobres da corte quanto aos simples fiéis das cidades e campos, para conseguir fazer com que homens e mulheres de diferentes origens sociais memorizassem sua mensagem e, conseqüentemente, a colocassem em prática¹¹. Não é raro encontrar, nos sermões vicentinos, expressões como estas: “boa gente, eu vos quero mostrar (...)”¹²; “E dizer

⁷ São quatro agulhões: dor corporal; doutrina espiritual; temor de justiça; e amor celeste.

⁸ “Este aguyjón traen aquellos que predicán doctrina evangelical, assí como frayres e religiosos e otros que han ofiçio de predicar. Éstos meten el aguijón a la criatura por la oreja e púnchales el coraçón, assí como agora en esta predicación que yo predico, que alguno se siente pungido deste aguyjón de la predicación e doctrina.” Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media. San Vicente Ferrer en Castilla (1411-1412): estudio bibliográfico, literario y edición de los textos inéditos*, Salamanda, Junta de Castilla y León; Consejería de Cultura y Turismo, 1994, p. 385.

⁹ “E por esto dezía nuestro Señor Dios por boca del profeta: ‘*Loquimini ad cor Iherusalem*, etc.’ (Ysaye XL.º C) Diz: ‘Vosotros, que avedes ofiçio de predicar, parad mientes que fabledes al coraçón de la criatura llamándola que venga a mí’. Si es persona de mala vida, que venga a mí emendándola (...)’ Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 385. Como explica o historiador Jean-Claude Schmitt, a pregação tinha como alvo produzir a conversão de seus ouvintes. Jean-Claude Schmitt, *Temps liturgique et temps des exempla*, em Nicole Bériou; Franco Morenzoni (orgs.), *Prédication et liturgie au Moyen Âge*, Turnhout, Brepols, 2008, p. 223.

¹⁰ Carla Casagrande. “Sermo potens: rhétorique, grâce et passions dans la prédication médiévale” in Nicole Bériou; Jean-Patrice Boudet; Irène Rosier-Catach, *Le pouvoir des mots au Moyen Âge*, Turnhout, Brepols, 2014, p. 230.

¹¹ Francisco Rico, *Predicación y Literatura en la España Medieval*, Cadix, UNED, 1977, p. 16.

¹² “Buena gente, yo vos quiero mostrar”. Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 398.

vós é um exemplo verdadeiro”¹³; “E por isto, boa gente, pensais nisto (...)”¹⁴ – expressões que serviam para atrair a atenção do público, através da interpeção direta, e fazê-lo absorver a mensagem transmitida¹⁵.

Além dessas expressões, São Vicente Ferrer lançava mão de recursos retóricos que pudessem impressionar ainda mais os ouvintes da prédica, tais como o *exemplum* ou mesmo a *similitudo* – entendida na época como uma ação hipotética e, por isso, não se confundia com parábolas bíblicas ou mesmo grandes histórias exemplares; isto é, tratava-se de um pequeno episódio da vida cotidiana criado com o objetivo de elucidar melhor a mensagem transmitida e facilitar a memorização¹⁶. No mesmo sermão mencionado acima acerca dos quatro agulhões usados por Deus para ferir o pecador, um desses símiles é apresentado por Ferrer da seguinte forma: “Mas para que melhor o entendais [o ensinamento], observai uma semelhança tal”. Na sequência, o dominicano apregoa:

Quando um homem vai por um caminho e leva alguma besta, sempre leva consigo algum agulhão. E se tu lhe dizes: “E por que levas este agulhão? Pois parece que vais armado contra a besta e parece que lhe queres mal”. Ele responderá e dirá: “eu levo este agulhão porque, quando a besta sair fora do caminho, dar-lhe-ei com o agulhão e tornará; (...) E por isso levo o agulhão, não porque eu quero mal à besta, nem porque tenho prazer em feri-la”¹⁷.

¹³ “E dezir vos he un enxiemplo verdadero”. Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 399.

¹⁴ “E por esto, buena gente, pensad en esto”. Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 626.

¹⁵ Acerca da piedade popular promovida pelos mendicantes ver: Katherine Ludwig Jansen, *The making of the Magdalen, Preaching and popular devotion in the later Middle Ages*, Princeton University Press, 2000.

¹⁶ O *exemplum* caracterizava-se pela corporeidade, verossimilhança e pela natureza didática e moral; fundamentava, pois, a nova pregação a partir do século XIII, preocupada com a memorização, a brevidade e a ordem do discurso. Kimberly A. Rivers, *Preaching the memory of virtue and vice: memory, images and preaching in late Middle Ages*, Turnhout, Brepols, 2010, p. 194-196. Ainda sobre o *exemplum*, ver: Marie-Anne Polo de Beaulieu, *Éducation, prédication et cultures au Moyen Âge. Essai sur Jean Gobi Le Jeune*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, 1999.

¹⁷ “Mas por que mejor lo entendades, catad una semejança tal. Quando un ome va camino e lieva alguma bestia, sienpre lieva consigo algún aguyjón. E si tú le dizes: “¿E por qué lievas aqueste aguyjón, que parece que vas armado contra la bestia e parece que la quieres mal?”, él responderá e dyrá: – “Yo lievo este aguyjón por que, quando la bestia saliere fuera del camino, darle he con el aguyjón e tornará; e si fuere perenzosament, esso mismo darle he con el aguyjón e andará apriessa. E por esso lievo el aguyjón, ca non porque yo quiero mal a la bestia nyn porque aya yo plazer en ferirla”. Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 380.

Os fiéis que ouviam esse trecho poderiam se familiarizar com a mensagem transmitida por se tratar de um contexto próximo de suas realidades. Ao idealizarem essa cena, deveriam associar, em primeiro lugar, a emenda dos pecados ao agulhão do proprietário da besta; depois tinham de relacionar o pastoreio de animais na terra com o zelo nutrido por Deus para com Suas criaturas. Tal *similitudo* serve como pano de fundo para a explanação acerca do primeiro agulhão: a dor corporal. As associações realizadas pelos ouvintes entre aquela historieta e o agulhão serviram como ferramentas mnemônicas¹⁸; melhor dizendo, ajudariam o fiel a reter em sua memória a lição de que a dor física, provocada por uma enfermidade qualquer, era dada por Deus como um caminho de correção, e não para prejudicá-lo. Esse tipo de recurso também possuía uma carga emotiva, para que a sua lembrança fosse acompanhada de um forte sentimento de comoção, fazendo o fiel se compadecer e se sentir contrito.

Explicam os próprios pregadores mendicantes que essa força atribuída ao sermão de estimular sentimentos e resgatar pecadores provinha do poder do Espírito Santo, e não do engenho criativo do religioso¹⁹. Ecoando os ensinamentos de Gregório Magno, o dominicano quatrocentista Juan Lopez assevera em um de seus sermões da obra *Evangelios Moralizados* – dividida em duas partes, uma em versão manuscrita e outra editada em Zamora no ano de 1490 por Antonio de Centeneras²⁰ – que o êxito da aprendizagem da palavra de Deus durante a pregação ocorria pela manifestação do Espírito Santo através do discurso do pregador²¹. Esse dominicano, que toma a obra de São Vicente Ferrer como uma de suas grandes referências²², lança mão deste exemplo para

¹⁸ Cf. Frances. A. Yates, *A arte da memória*, Campinas, Unicamp, 2007, p. 113-114.

¹⁹ Carla CasaGrande “Sermo Potens Rhétorique, grâce et passions dans la prédication médiévale” in N. Bériou, J.P Boudet, I. Rosier-Catach (org.), *Le pouvoir des mots au Moyen Âge*, p. 225.

²⁰ Arturo Jiménez Moreno, *Vida y Obra de Juan López de Zamora, O.P, Un intelectual castellano del siglo XV. Antología de textos*, Zamora, Centro de la UNED de Zamora, 2002, p. 78. Para uma síntese acerca dos propósitos da obra, ver: Arturo Jiménez Moren, “Evangelios moralizados” in Leandro Alves Teodoro (Org.), *Obras pastorais e doutrinárias do mundo ibérico*, Banco de dados (Online), 2019. Disponível em: <https://umahistoriadapeninsula.com/our-collections/evangelios-moralizados/>, consultado em 2019.06.30.

²¹ “Si el Spiritu Sant no enseña dentro en el corazón a la criatura en vano trabaja de fuera qualquiera otro predicador e maestro – dicho es de sant Gregorio –, e por tanto, [75v] qualquier cosa que entiende el corazón del oyente non lo atribuyan al diziente ni al fablante, mas al Spiritu Santo de dentro enseñante (...)”. Juan López de Salamanca o Zamora, O. P, *Evangelios Moralizados*, Edición, introducción y notas de Arturo Jiménez Moreno, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2004, p. 447.

²² Acerca do peso da obra do valenciano Vicente Ferrer na composição da obra *Evangelios Moralizados*, diz Arturo J. Moreno: “(...) de las treinta y ocho exposiciones que componen los

melhor elucidar o papel moralizante de suas prédicas: “Certo é que a água corre da fonte da nora até à hortaliça” pela força do canal. “Da mesma forma, se no horto do auditório nascem bredos de mansidão, armolas de humildade, espinafres de paciência, plantas de temperança, cebolas e alhos-porrôs e alhos de contrição (...), e também outras hortaliças de virtude”, tudo isso não mana da glória do pregador, que é canal da agudeza da glória, mas, sim, do Espírito Santo²³.

Esse exemplo de Juan Lopez, retirado das palavras de São Bernardo – uma das principais referências cistercienses para a consolidação da mística cristã na Idade Média ²⁴– serviu para justificar o papel atribuído ao sermão como um laço entre o universo secular e o plano divino. Dito de outro modo, seguindo os passos de outros religiosos da Ordem dos frades pregadores, esse dominicano procurou convencer os leitores da obra *Evangelios Moralizados* de que o sermão constituía um meio de conhecimento de si por intermédio de palavras imbuídas de uma graça especial, de um poder salutar diferenciado. Ao se aproximarem do pregador com a intenção de ouvir seu sermão, os fiéis já teriam de saber que este porta-voz da Igreja era um mensageiro encarregado de colocá-los em diálogo com Deus, o único mestre capaz de revelar a verdade do mundo e os segredos escondidos por trás das coisas²⁵.

As menores lições de um sermão

As menores unidades estruturantes dos ensinamentos transmitidos por meio de sermões e recolhas de *exempla* eram as palavras que nomeavam práticas indispensáveis para os exercícios de ascese espiritual. Por serem considerados fruto da intervenção divina na vida dos fiéis, os sermões ajudaram a fixar

Evangelios moralizados, al menos ocho presentan una estructura y unos contenidos básicos semejantes a otros tantos sermones de San Vicente Ferrer. No sería exagero concluir que cuando Juan López escribe obra tiene encima de la mesa una versión de los sermones del valenciano”. Juan López de Salamanca o Zamora, O. P, *Evangelios Moralizados*, p. 64.

²³ “cierto es que la agua corre de la fuente de la añoria a la ortaliza e aquesto por la canal o por la matriz, mas de la fuente o añoria. Ansimemo, si en el huerto del auditorio nasçen bledos de manseza, armuelles de humildat, espinacas de paçiençia, llantas de tenperança, çebollas e puerros e ajos de contriçión, culantro e perexil de piedat, e ansí de otras ortalizas de virtud; no es gloria de predicador, que es la canal por do sal la gloria, mas del Spiritu Santo de donde mana”. Juan López de Salamanca o Zamora, O. P, *Evangelios Moralizados*, p. 447.

²⁴ Bernard McGinn, *The presence of god: a history of western mysticism, Vol II, The growth of mysticism. Gregory the Great to the twelfth century*, New York, The Crossroad, 1996, p. 158-224.

²⁵ Cf. James J. Murphy, *La Retórica en la Edad Media. Historia de la teoría de la retórica desde San Agustín hasta el Renacimiento*, México, Fondo de Cultura Económico, p. 296-297.

em vernáculo vocábulos que designavam ações votivas e piedosas. Melhor dizendo, ao desenvolverem pequenas historietas, essas prédicas podiam familiarizar o fiel com um novo universo de referências, a ponto de conseguir repensar sua conduta, redefinir seus anseios e se conceber como cristão católico. Um dos eixos do vocabulário promovido por esse e outros tipos de obras pastorais era concernente aos nomes de ações que denominavam diferentes gestos e práticas de contrição: tais como “choro”, “disciplina”, e “oração”. A própria palavra “contrição” é recorrente nos sermões e merece uma atenção especial.

Para estimular os fiéis a corrigir seus pecados mortais cometidos no passado e a se familiarizar com a prática da contrição, São Vicente Ferrer cita – no sermão *Colação feita a clérigos e a religiosos (Colación fecha a clérigos e a religiosos)*, apregoadado durante a semana que se entendeu entre os dias 9 e 14 de agosto de 1411, em Illesca – este pequeno trecho dos *Salmos*: “Estende do alto a mão, defende-me, livra-me das águas caudalosas, da mão de estrangeiros (...)”²⁶. Na sequência, completa a prédica: “Agora, observai bem! Primeiro, demandava a mão a Deus. Por que demandava [a] mão, boa gente?”. Lançada a pergunta, o mesmo pregador responde: “Porque bem sabeis que cinco dedos há na mão; assim digo que na virtude de Deus para tirar a criatura do poço de pecado mortal há cinco coisas”. Logo depois desse jogo de pergunta e resposta, São Vicente Ferrer arrola uma lista em que cada uma dessas cinco “coisas” corresponderia a uma ação salutar:

A primeira, conhecimento de seus pecados: e observe aqui um dedo; a segunda; haver dor e contrição dos pecados conhecidos: e observe aqui o segundo dedo; a terceira, inclinação e vontade de não mais tornar a eles: e observe o terceiro dedo; a quarta, confessá-los bem ao clérigo: e observa o quarto dedo; a quinta, firme coração e vontade de perseverar em bem até o fim: e observe aqui o quinto dedo. E por isto, assim como na mão tem cinco dedos, assim na virtude de Deus para tirar a alma de pecado são necessárias estas cinco coisas. E, por isto, disse: ‘Senhor, envia a Tua mão do alto e tira-me, Senhor, do pecado’²⁷.

²⁶ (sl 144, 7). São Vicente Ferrer fez a seguinte tradução da Vulgata: “Señor, enbía la tu mano de alto, e sácame, Señor, de peccado e líbrame de las aguas muchas e de la mano de los fijos agenos”. Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 489-490.

²⁷ “Agora parad bien mientes. Primeramente, demandava la mano a Dios. Por que demandava mano, buena gente? Porque bien sabedes que cinco dedos ha en la mano, assí digo que en la virtud de Dios para sacar la criatura del pozo de pecado mortal son çinco cosas e son éstas: la primera, cognosçimiento de sus pecados: e cata aquí un dedo; la segunda, aver dolor e contriçión de los pecados conosçidos: e cata aquí el segundo dedo; la terçera, proponimiento e voluntad de non tornar más a ellos: e cata aquí el terceiro dedo; la quarta, confessarlos bien al clérigo: e

Pelo emprego dessa ferramenta mnemotécnica de tomar a mão como roteiro de ações curativas e edificantes, o vocábulo “contrição” teria de ser recordado ao se apontar o primeiro dedo para o céu em sinal de súplica. Um termo importante para o universo vocabular cristão, pois, como definiu Martín Pérez, na obra *Libro de las Confesiones* – terminada em 1316 e conhecida como um dos principais tratados pastorais de Castela – “contrição” significava a “dor tomada pelos pecados, com propósito de confessá-los e de fazer emenda” deles²⁸. Dado que um dos esteios da vida cristã era a reflexão acerca dos pecados com vista ao aperfeiçoamento da vida cotidiana, a aprendizagem do uso do termo “contrição” tornou-se, pois, um dos primeiros passos da iniciação de homens e mulheres nas práticas de redenção, já que designava a primeira etapa do sacramento da penitência e fundamental para sua eficácia²⁹. O uso desse vocábulo, apreendido por sermões como os de São Vicente Ferrer e também durante a própria confissão penitencial³⁰, possibilitava ao homem e à mulher conhecer cada prática que tinham de executar para se sentirem aliviados da culpa³¹.

O estudo da palavra “contrição”, e de seus corolários, “choro” e “disciplina”, abre uma clareira para explorarmos, desse modo, a maneira como o ensino dos costumes cristãos em língua vernácula se estruturava em torno da memorização de uma cadeia de termos e expressões. Embora não seja pos-

cata aquí el quarto dedo; la quinta, firme corazón e voluntad de perseverar fasta la fin en bien: e cata aquí el quinto dedo. E por esto, assí como en la mano son çinco dedos, assí en la virtud de Dios para sacar la ánima de pecado son nesçessarias estas cinco cosas. E por esto dize: «Señor, enbía la tu mano de alto e sácame, Señor de pecado»”. Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 490.

²⁸ “Contriçion es dolor tomado por los pecados, con proponimiento de los confesar e de fazer emienda”. Martín Pérez, *Libro de las Confesiones*, Ed. Antonio García y García, Bernardo Alonso Rodríguez e Francisco Cantelar Rodríguez, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 2002, p. 568.

²⁹ A contrição precede a confissão e a satisfação, combina os sentimentos de dor, vergonha e desgosto decorrentes do pecado. Damien Boquet; Pirooska Nagy, *Sensible Moyen Âge: une histoire des émotions dans l'occident médiéval*, Paris, Seuil, 2015, p. 215.

³⁰ Acerca da estruturação da confissão penitencial, ver: Nicole Bériou, “Autour de Latran IV (1215)” in Groupe de La Bussière, *La naissance de la confession moderne et sa diffusion, Pratiques de la Confession. Des Pères du désert à Vatican II. Quinze Études d'Histoire*, Paris, Cerf, 1983, p. 73-92.

³¹ Há um recolha de sermões contidos no manuscrito 1854 da Biblioteca Universitária de Salamanca, editado por Manuel Ambrosio Sánchez Sánchez em que o tema da penitência é de sobremodo importante. Dados os limites deste estudo, realizaremos uma análise comparativa entre os sermões de Vicente Ferrer e essa recolha em um trabalho futuro. Manuel Ambrosio Sánchez Sánchez, *Un sermonario castellano medieval*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 1999, vol. 1 e 2.

sível esgotar todos os termos-chave do campo da contrição nos limites deste estudo, as palavras aqui serializadas já nos mostram um amplo quadro da dimensão moralizante dos termos empregados na produção de obras de cunho catequético do século XV.

O universo vocabular da contrição: “Choro”, “lágrima”, “disciplina” e “oração”

Na lista de práticas inventariadas pelos pregadores dominicanos, a palavra “choro” ganha certo protagonismo numa rede de lições que visavam orientar o fiel a saber como utilizaria as próprias lágrimas como sinal de arrependimento³². Acerca da aprendizagem desse vocábulo, São Vicente Ferrer inicia o sermão intitulado *Sermão de como chorou Jesus Cristo cinco vezes neste mundo* (*Sermón de cómo lloró Ihesú Christo çinco vezes en aqueste mundo*) – proferido entre os dias 16 e 21 de agosto de 1411 com o propósito de informar aos seus ouvintes que Cristo jamais teria rido neste mundo. A seguir, complementa o pregador: “Nem sendo pequeno infante, nem moço jovem, nem depois da idade cumprida nunca jamais se fala que risse, mas fala-se que chorou muitas vezes”. O comportamento de Cristo é utilizado como mote do sermão com o objetivo de ensinar aos fiéis que “o rir não é conveniente à vida presente”, pois a existência nada mais seria do que uma etapa de prova e de resistência. Por isso, São Vicente Ferrer conclui seu raciocínio com estas palavras: “Assim, boa gente, observai que nós, quando estamos neste mundo, estamos condenados à morte” e, por isso, não conviria rir, mas, sim, chorar³³.

³² Alfonso Esponera, *El oficio de predicar. Los postulados teológicos de los sermones de San Vicente Ferrer*, Salamanca, Editorial San Esteban, 2007, p. 43. Cf. Piroška Nagy, *Le don des larmes au Moyen Âge, Un instrument spirituel en quête d’institution (ve – XIIIe siècle)*, Paris, Albin Michel, 2000, p. 413-417.

³³ “Buena gente, yo pensando en la santa vida de nuestro Señor Ihesú Christo, non fallo en algúnd libro que nuestro Señor Ihesú Christo rreyesse jamás en la vida deste mundo, aunque fuesse en muchas grandes fiestas e en grandes honrras. Nin seyendo pequeño infante, nin moço joven, nun después de hedat conplida nunca jamás se falla que rreyesse, mas fállase que lloró muchas vezes. E esto porque el rreyr non es conveniente a la vida presente e el llorar es assí como si un omne ou una mugier era condenpado a muerte e lo levassen e[n]çima de un cavallo corriendo a enforcarlo, tal omne o mugier non sería osado de rreyr; e si estonçe assí andando se rreyse, el mundo lo juzgaría por loco, ca dirían: – “Sabed que lo lievan a la muerte e vasse rreyendo; por çierto, loco es.” Mas si la tal persona va llorando en tal estado, cada uno avrá dél compassión e duelo, porque en tal estado propia cossa es a la persona llorar e sospirar. Assí, buena gent, catad que nosotros, quantos somos en este mundo, somos condepnados a muerte e la sentençia es dada, que non se puede rrevocar en ninguna manera”. Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 465.

Ainda quanto às lágrimas derramadas por Cristo, São Vicente Ferrer interroga: “Por que nosso Senhor Jesus quis chorar em Seu nascimento? Pois as outras crianças não sabem o que fazem, mas Jesus Cristo, que havia então tanta sabedoria, como tem agora no céu, por que chorava?”. Responde que Cristo chorava por compaixão para com os homens, expressando sofrimento pela miséria em que todos estariam desterrados neste mundo³⁴. Esse dominicano assevera que Cristo teria chorado ao todo cinco vezes na terra: no nascimento; no ato de circuncisão; na ressurreição de São Lázaro; em sua visita à cidade de Jerusalém; e, por fim, na morte³⁵. Em todos esses momentos, o choro do Salvador servia, segundo esse religioso, como fonte de inspiração, de modo que os fiéis pudessem se convencer de que eram condenados pelos pecados cometidos e que a única saída era acreditar no amor do Criador e se redimir com a intenção de estar ao seu lado no Paraíso³⁶. Retomando a vida de Cristo, São Vicente Ferrer visava fazer com que homens e mulheres soubessem como abrandar seus sentimentos e aprender a manifestar a dor decorrente de seus pecados. A narrativa da vida de Cristo ajudava pregadores como esse dominicano a diferenciar a dor sensível da dor espiritual, ensinando aos ouvintes dos sermões que deveriam fazer da dor física, provocada por um ato voluntário de provação e sacrifício, um meio de tornar visível no próprio corpo um sinal evidente do choro espiritual. Além disso, como defende um dos sermões do manuscrito 40 da *Real Colegiata de San Isidoro de León* – documento datado do século XV em que são reunidos, entre outras obras, ricas prédicas em vernáculo –, não é o simples gesto de chorar que estimularia a contrição, mas a vontade interna, aquela dor ou emoção de expressar um arrependimento verdadeiro³⁷. O choro esperado por sermões como esses seria,

³⁴ “¿Pues por qué nuestro Señor Ihesú Christo quiso llorar en su nacimiento? Ca los otros niños non saben qué se fazen, mas Ihesú Christo, que avía estonces tanta sabidoria como ha agora en el çielo, ¿por qué llorava? Digo que es verdat e por esso todo quanto fazia con grand razón. E digo que llora una miseria nuestra por compassión de nosotros. E la miseria es que somos desterrados en este mundo”. Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 466.

³⁵ Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 466.

³⁶ No final do sermão, diz São Vicente Ferrer: E por ende, buena gente, cada uno e cada una emiende su vida e faça santas obras, perdonándose unos omnes e otros, por que merescades que venga el ángel del çielo e vos lieve a paraýso. Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 473.

³⁷ “Pues digamos luego donde será la contrición. Non em las lágrimas, mas em el de la voluntad (...)”. Trata-se do sermão vigésimo primeiro da edição de Pedro M. Cátedra. Pedro M. Cátedra (éd.) *Los sermones em romance del manuscrito 40 (siglo XV) de la Real Colegiata de San Isidoro de León*, Salamanca, SEMYR, 2002, p. 243.

portanto, a expressão final e acabada de uma dor sentida no fundo de si em razão do fardo de cada pecado praticado. Conforme o clero hispânico buscava se aproximar dos fiéis, o número de recolhas de sermões em vernáculo começou a crescer, de modo a facilitar a divulgação de prédicas na língua falada pelos próprios castelhanos.

O significado do substantivo “choro” (*lloro*) e do verbo “chorar” (*llorar*) eram redefinidos em língua castelhana a partir da promoção de uma série de gêneros moralizantes como os sermões que dissertavam sobre como os fiéis poderiam educar melhor seus corpos para que eles operassem mudanças profundadas no espírito. Escritos para amparar pregadores e fornecer modelos de ação à sociedade desses tempos³⁸, recolhas de *exempla* como o *Libro de los exemplos por A.B.C.*, do clérigo leonês Clemente Sánchez de Vercial³⁹, não deixaram de catalogar historietas em que os fiéis são ensinados sobre o papel salutar das lágrimas⁴⁰. Elaborado no século XV, essa obra reporta um *exemplum*, intitulado *A confissão deve ser devota e lacrimosa* (*Confessio debet esse devota et lacrimosa*), cuja história é acerca de um clérigo que “indo a confessar-se teve grande contrição e devoção” e, em razão de seu choro e do volume de lágrimas derramadas, não conseguia “falar, nem dizer coisa alguma”. Como não podia falar, o confessor então pediu-lhe que escrevesse seus pecados em uma carta e a levasse para ele⁴¹. Depois de ler a carta e apresentá-la ao bispo, por não saber como admoestaria esse clérigo, o confessor junto com o prelado disse a ele que seus pecados estavam perdoados graças ao “mérito de sua confissão e contrição devota com lágrimas”⁴².

O ensino de um exemplo de conduta como a contrição lacrimosa só poderia ser considerado um sucesso e alcançar os resultados almejados pelo clérigo ou religioso na medida em que fiéis comesçassem a atribuir à palavra “choro” um

³⁸ Jacques Berlioz; Marie Anne Polo de Beaulieu, “Introduction générale” in *Le Tonnerre des exemples. Exempla et médiation culturelle dans l’Occident médiéval*, Presses universitaires de Rennes, 2010, p. 12-14.

³⁹ Esse livro foi escrito para Juan Alfonso de la Barbolla, cônego de Sigüenza.

⁴⁰ Acerca desta obra, ver: Fernando Gómez Redondo, *Historia de la prosa medieval castellana. Los Orígenes del humanismo. El Marco cultural de Enrique III y Juan II*, volume III, Madri, Cátedra, p. 3101-3103.

⁴¹ “Dizen que un clérigo yéndose a confessar ovo tan grand contrición e devoción que por el grand lloro e lágrimas nunca pudo fablar nin dezir cosa alguna. E desde esto vio el confessor dixo: -Fijo, pues tú por tu boca non me puedes dezir tus pecados, ve, e escrívelos todos en una carta e tráela a mí”. Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 99.

⁴² “Estonce el obispo e el sacerdote muy alegres recontaron el fecho al clérigo e dixiéronle que le eran perdonados los pecados por el mérito de su confesión e contrición devota con lagrimas”. Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 99.

novo sentido em sua vida. Embora as recolhas de *exempla* constituíssem um gênero independente dos sermões, essas obras também foram úteis para que os fiéis em geral tivessem contato com palavras que designavam as sensações a serem partilhadas por toda a comunidade de fiéis. Os sermões e as recolhas de *exempla*, tal como essa elaborada por Clemente Sánchez de Vercial, tiveram uma função decisiva na educação dos sentidos por meio da redefinição do vocabulário corrente na época.

Quanto à naturalização dos usos da palavra “lágrima”, o manuscrito 9433 da Biblioteca Nacional de Madrid possui sermões atribuídos pela crítica a um tal de Pedro Marín, inspirados largamente na produção de São Vicente Ferrer, que merecem certa atenção. Um desses sermões apresenta a maneira como a confissão e a penitência deveriam se realizar para que os pecados fossem corretamente perdoados. Essa prédica aconselha o sacerdote a interrogar o penitente da seguinte forma: “Tens dor dos pecados passados e propões de apartar-te dos futuros?”. O mesmo discurso afirma que o pecador, derramando “lágrimas de contrição”, teria de responder que “sim”⁴³. Na esteira dos sermões de São Vicente Ferrer, essa prédica é mais uma, entre outras, escrita em língua castelhana com o objetivo de fazer com que homens e mulheres conhecessem a expressão “lágrimas de contrição” e tornassem o seu uso espontâneo e natural.

Punir o corpo e disciplinar a alma

Além da palavra “choro”, bem como de seus correlatos “chorar” e “lágrimas”, a aprendizagem da prática da contrição demandava a memorização do uso de outros vocábulos: como “cilício” e “disciplinas”. No que tange a estas palavras, São Vicente Ferrer – no sexto sermão proferido na Coroa de Castela – diz aos mancebos que não deveriam esperar a velhice para corrigir os pecados, pois, assim como um asno novo possuía mais força para carregar a carga, eles tinham melhores condições para enfrentar qualquer tipo de aflição. Para ser mais persuasivo, esse dominicano apregoa estas palavras:

⁴³ “Ootra ves faze pacto e da fe a nuestro Señor en el agua de la penitencia, en la qual se derrama agua de contrición e lágrimas. En la qual penitencia te dize el confessor: “¿As dolor de los pecados passados e propones de apartarte de los fucturos?” E el peccador con lágrimas de contricción responde que sí.” *Los sermones atribuidos a Pedro Marín*. Van añadidas algunas noticias sobre la predicación castellana de San Vicente Ferrer. Estudio y Edición de Pedro M. Cátedra, Salamanca, Ediciones Universidad Salamanca, 1990, p. 101.

Assim tu agora, que és mancebo, que poderás bem trazer a carga, lembra-te de teu Criador e faz penitência, trazendo bom cilício e disciplinando-te e jejuando e fazendo esmola e confessando-te frequentemente, pois agora que és mancebo são os dias para ti, pois depois que fores velho, serão contra ti⁴⁴.

Em outro sermão, o vigésimo nono pregado em Castela⁴⁵, São Vicente Ferrer retoma a mesma temática ao abordar a maneira como a penitência garantiria a redenção à alma do fiel⁴⁶. Por meio de uma linguagem metafórica, diz esse pregador que as escadas de “jejuns, cilícios e disciplinas e de vigília” levariam ao castelo do Paraíso⁴⁷. Nesses dois sermões, esse religioso evidencia que a purgação alcançaria sua manifestação plena não apenas por meio do choro espiritual, mas também pelos castigos infringidos ao corpo pelas marcas deixadas por dois objetos flagelantes: os cilícios e as disciplinas.

A dor ocasionada pelo flagelo representaria a própria contrição; isto é, a revelação do ato interior de arrependimento. A iniciação à fê dirigida por São Vicente Ferrer ao longo de sua estada em Castela entre 1411 e 1412, com enfoque na autopunição e, conseqüentemente, na aprendizagem do nome dos objetos flagelantes, justificava-se pelo tom temerário do discurso desse dominicano diante da alusão à vinda do Anticristo⁴⁸. Na cidade de Toledo, no dia oito de julho de 1411, esse religioso pregou um sermão específico a respeito do Anticristo e do fim do mundo⁴⁹, em que orientou seus ouvintes a não espe-

⁴⁴ “E ves qué dize una actoridat: «*Memento Creatoris tui in diebus juventutis tue, et antequam veniat tempus afflictiones, et aproprienquent anni de quibus dicas: non plazen a mihi placent*». (Ecclesiastes XII.º c.º). Quiere dezir: ‘O, omne, arremiénbrate del tu Criador en los días de la tu mançebía, non esperes a la muerte, e ante que venga el tienpo de la aflicción e se lleguen los años de los quales digas: non plazen a mí’. E non esperes a quando fueres viejo. Su un omne ha un asno e quando es nuevo non le echa la carga, diziendo que quando fuere viejo ge la echará, esto grand locura sería. Assi tú agora, que eres mançebo, que podrás bien traer la carga, remiéndbrate de tu Criador e faz penitência, traendo buen scñiçio e disçiplinándote e ayunando e faziendo limosnas e confesándote a menudo, ca agora que eres mançebo son los días por ti, ca después que fueres viejo serán contra ty”. Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 329.

⁴⁵ Pregado no dia 25 de setembro na cidade de Ayllón.

⁴⁶ “Buena gente, fazet penitência, que por penitência podedes tomar el reyno de los cielos. Primeiro, con lombardas; segundo, con engeños; terçio, con viratones; quarto, con escaleras”. Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 595.

⁴⁷ “Esto es, que secretamente pongades escaleras de ayunos e de çiliçios e de disçiplnas e de vigílias”. Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 597.

⁴⁸ Bernard McGinn, *Visions of the end: apocalyptic traditions in the Middle Ages*, New York, Columbia University Press, 1979, p. 256.

⁴⁹ Logo no início do sermão, São Vicente Ferrer já estabelecia uma relação entre o fim do mundo e a vinda do Anticristo: “Por dar declaración a esta palabra propuesta e brevemente entrar

rarem a vinda dele, pois chegaria sem aviso⁵⁰. Por isso, todos os homens e mulheres deveriam estar preparados, com o espírito purificado e o corpo constantemente abrandado pelos jejuns e também pelos usos dos referidos objetos flagelantes. Os sermões de São Vicente ajudaram a estimular não apenas a piedade popular, mas a naturalizar, portanto, a prática da penitência na Península Ibérica num período em que os prelados diocesanos ampliavam o espaço nos sínodos para debater a formação dos fiéis leigos.

Nesses tempos de disseminação da doutrina cristã pela boca de clérigos e pregadores mendicantes, o verbo “disciplinar” significava ao mesmo tempo “educar”, “punir” e “corrigir”. Tal emprego fica evidenciado nesta passagem do sermão intitulado *Sermão que fala como se devem vencer os sete pecados mortais* (*Sermón que fabla cómo se deven vencer los siete pecados mortales*):

A sétima e postumeira promissão é a pessoa que vence [o] pecado da preguiça por diligência. Isto é, que sejamos diligentes em obras meritórias; e fazendo-as, passemos neste mundo [por] grande trabalho, fazendo oração continuada, confessar e comungar muitas vezes, jejuar e [se] disciplinar; e continuar essas obras até morrer⁵¹.

São Vicente Ferrer abre esse sermão dizendo que apresentaria os ensinamentos legados por Deus para que as pessoas pudessem ser vitoriosas contra os pecados mortais⁵². Para curar a preguiça, ele busca convencer os ouvintes de seu sermão a se confessar, comungar e disciplinar. Deslizando por diferentes conselhos e oferecendo um amplo roteiro de condutas aos homens e às mulheres, tal dominicano contribuiu para tornar recorrente o uso da palavra

en la materia que tengo de predicar, sepades, buena gente, que el tienpo del Antichristo e la fin del mundo todo va en uno; e sabiendo lo uno, por allí poderes saber lo otro”. Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 561.

⁵⁰ Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 570.

⁵¹ “La séptima e postrimera promisión es a persona que vence pecado de pereza por diligencia. Esto es, que seamos diligentes en obras meritórias; e faziéndolas, que passemos en este mundo grand trabajo, faziendo oración continuada e confessar e comulgar a menudo e ayunar e disçiplinar, etc.; e continuar estas obras fasta morir. E catad la promisión e ascuchad el pregón: Quien tiene orejas para oír, oya: quien vençiere pecado de pereza por diligencia e perseverança, yo le daré que sea asentado conmigo en mi cátedra, assí como yo soy asentado con mi Padre”. Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 532.

⁵² “Buena gente, en esta predicación yo quiero declarar las grandes promisiones que Dios faze en la santa Scriptura a las personas buenas e de buena vida que por virtudes e buenas obras han victoria del diablo contra los peccados mortales”. Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 525.

“disciplinar” como suporte verbal da própria ação de se corrigir mediante a aprendizagem de regras da doutrina cristã e de castigos corporais.

Esses textos, uns de maneira mais ordenada e sistematizada que outros, definiam dois empregos da palavra “disciplinar” que estavam envolvidos em um jogo de contrição e de aprendizagem do valor positivo do arrependimento. Nessa produção em língua vernácula, se o verbo “disciplinar” expressava a intervenção do pregador ou confessor na vida de homens e mulheres para ensiná-los, entre outros aspectos da vivência cristã da fé, a tomar consciência de seus pecados e a se sentirem culpados por cometê-los, o termo significava, também, a pena praticada para compensar o mal realizado. Aliás, sermões como os de São Vicente Ferrer foram decisivos para a naturalização em solo castelhano-leonês do pressuposto de que o exercício da contrição demandava a vivência de uma disciplina mais rígida, pela qual se aprenderia a tornar a dor física, decorrente da penitência, uma prova de arrependimento registrada no próprio corpo.

O peso da oração

Para encerrar este ensaio, falta examinar um último vocábulo que também contribuiu para estruturar a teia de lições contidas nas homilias castelhanas relativas ao ensino do valor positivo da contrição, a saber: a “oração”. Os sermões dos dominicanos São Vicente Ferrer e Juan López, bem como as recolhas de *exempla*, como o já mencionado *Libro de los exemplos por A.B.C.* de Clemente Sánchez, insistiam para que os fiéis da Coroa de Castela inserissem o verbo “orar” em seu vocabulário cotidiano e se lembrassem, conseqüentemente, da carga salutar das ações designadas por este termo. Esse vocábulo, assim como os outros abordados neste trabalho, foi ficando suas raízes no solo da língua castelhana por meio da pregação, como é o caso da referida obra *Evangelios moralizadores* de Juan López. No capítulo *Evangelio del día de la epiphania*, este dominicano – ao dissertar acerca dos presentes entregues pelos reis magos ao menino Jesus (ouro, incenso e mirra) – diz: “o ouro significa devoção, o incenso oração, a mirra mortificação, que mortifica os gusanos; e nós devemos oferecer a Jesus Cristo estas três coisas: devoção espiritual, oração cordial, mortificação carnal”⁵³. A associação de simili-

⁵³ “el oro significa devoción, el encienso oración, la mirra mortificación, que mortigua los gusanos; e nós devemos ofrescer a Iesu Christo estas tres cosas: devoción spiritual, oración cordial, mortificación carnal, por que podamos dezir con el psalmista: “*Dirigatur, Domine, oracio mea sicut in conspectu tuo*” (“Sea, Señor, guiada mi oración delante ti como el encienso”). Las ascuas

tude entre a oração e o incenso servia para sugerir ao fiel que a súplica era o principal canal de comunicação com Deus⁵⁴ para pedir ajuda ou informá-lo de sua contrição, isto é, da dor e arrependimento. Conforme o texto bíblico servia de fundo alegórico para exemplificar ações salutares, Juan López buscava persuadir homens e mulheres a sempre recordar do verdadeiro sentido da “oração”, que era elevar aos céus a confissão de louvor. Por isso, ao lembrar das palavras-chave de tal homília, especialmente de “incenso” e “oração”, o cristão aprendia o motivo de sempre precisar suplicar a Deus por intervenção em sua vida. Dito de outro modo, ao ensinar o uso do termo “oração” por meio de uma prédica que a associou ao incenso, buscando naturalizar a imagem da prece como uma fumaça que subia aos céus, esse religioso ajudava o público de seu livro a desvendar os mistérios escondidos por trás do vocabulário da língua castelhana.

No que tange à ação de orar como um ato de revelação da dor guardada no âmago da alma, Clemente Sánchez de Vercial menciona – na obra *Libro de los exemplos por A.B.C.* – um *exemplum*, intitulado *Quem celebra com devoção a Deus apraz com sua oração* (*Quien celebra con devoción a Dios praze com su oración*), em que justifica a importância da súplica como canal de comunicação do terreno com o divino. Nessa altura de sua recolha, esse eclesiástico leonês relata a história de um presbítero que recebeu de Deus a missão de dizer a um bispo de nome Cássio este recado: “faz o que fazes, obra o que obras, não cessem teus pés, não cessem tuas mãos”⁵⁵. Reticente em transmitir a notícia a seu superior, o presbítero procurou Cássio e, depois de duas outras visitas de Deus, finalmente repassou-lhe o aviso. Ao receber a mensagem celeste, diz Clemente Sánchez que esse bispo logo “se deleitou em oração com grande contrição”⁵⁶. Se o referido Juan López dirigiu aquela prédica a todo tipo de fiel, esse arcediogo de Leão mirou especialmente os clérigos, para que não esquecessem de orar com verdadeira contrição. Essa historietta servia para

son miembros corporales, el fuego es la devoción e caridad, el encienso que sube es la oración”. Juan López de Salamanca o Zamora, O. P, *Evangelios Moralizados*, p. 193-194.

⁵⁴ Ver: Piroška Nagy, “Au-delà du verbe. L’efficacité de la prière individuelle au Moyen Âge entre âme et corps” in Jean-François Cotier, *La prière en latin, de l’Antiquité au XVIe siècle. Formes, évolutions, significations*, (Collection d’études médiévales de Nice, 6.) Turnhout, Brepols, 2006, p. 444.

⁵⁵ “Ve e di al obispo, faz lo que fazes, obra lo que obras, non cessen tus pies, non cessen tus manos. El día de los apóstoles vernás a mi e darte he tu galardón”. “Libro de los exemplos por A.B.C.” in María del Mar Gutiérrez Martínez, *Edición del Libro los exemplos por A.B.C.* (1.ª parte), *Memorabilia*, vol. 12, 2009-2010, p. 89.

⁵⁶ “Las quales cossas oídas, el obispo echose en oracion con grand contrición”. *Libro de los exemplos por A.B.C.*, p. 89.

inspirar outros bispos a seguir o caminho do tal prelado Cássio para chorar durante as orações e fazer das lágrimas ali derramadas um sinal visível da contrição interior⁵⁷. A mensagem subliminar desse *exemplum* é construída por Clemente Sánchez a partir da relação por ele estabelecida entre três palavras-chave, a saber: “oração”, “lágrimas” e “contrição”; melhor dizendo, essa historieta acerca de um presbítero e seu prelado serviu como palco para que esses vocábulos tivessem seus usos exemplificados. Mesmo que a palavra “oração” (*oración*) apareça apenas três vezes nessa curta narrativa, uma no título do capítulo e outras duas vezes no corpo do texto, ela ganhou destaque na trama por coadunar diferentes lições em torno de um mesmo alvo: o mérito da contrição e de uma vida devota.

Em outra altura da obra *Libro de los exemplos por A.B.C.*, Clemente Sánchez de Vercial avança nesse debate acerca das práticas designadas pelo vocábulo “oração” ao contar uma historieta acerca de uma mulher que, embora muito devota a Deus e afável com os frades menores, não queria confessar um de seus pecados na véspera da morte⁵⁸. Diz esse letrado que os freis foram visitá-la com a intenção de convencê-la a se confessar, e o frei provincial teria inclusive dito aos seus irmãos: “se [ela] morre sem penitência é grande vergonha dos religiosos e maiormente de nós que tantos bens e esmola temos recebido dela (...) E com grande devoção roguemos a Deus [para] que queira abrandar a dureza de esta senhora e dar-lhe a graça de se confessar”⁵⁹. Depois da oração desses religiosos mendicantes, a senhora confessou e logo em seguida

⁵⁷ Clemente Sánchez começou o *exemplum* com estas palavras: “Un obispo de la cibdat de Carmesia, que avia nombre Cassio, ombre de buena vida, avia por costumbre de dezir cada día missa, en manera que pocos dias o ninguno passavan que non celebrasse. E la su vida concordada con el sacreficio que fazia a Dios e todo quanto avía dava en limosnas. E quando venia a celebrar con muchas lágrimas parecia su contricion”. *Libro de los exemplos por A.B.C.*, p. 89.

⁵⁸ A historieta começa deste modo: “En Gascueña en un castillo era una dueña biuda muy rica e dada a obras de misericordia. E tenia una casa muy especial en que posiera lechos e mesa en que posasen e comiessen los pobres fraires menores que non tenian alli monasterio nin casa e servía muy bien a todos los pobres que venóan allí. E ovo de enfermar de muerte.” *Libro de los exemplos por A.B.C.*, p. 186.

⁵⁹ “Non puedo traer a aquesta dueña que se confiese, e si muere sin penitencia es gran vergüença de los religiosos e mayormente de nós que tantos bienes e limosnas avemos recebido d’ella e dirán los maliciosos: “¿Qué aprovechó a aquesta dueña que siempre fue su vida en obras de misericordia, qué le aprovechó tantos bienes que fizo a los fraires menores? Pues asi es, nos fagamos lo nuestro”. E con gran devoción roguemos a Dios que quiera ablandar la gran dureza d’esta dueña e darle la gacia de se confessar”. Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 186.

morreu sem que sua alma tivesse de carregar o fardo daquele pecado⁶⁰. Dessa historieta, Clemente Sánchez tira duas conclusões: a primeira, que a esmola beneficia o fiel na hora da morte, fazendo alusão à generosidade dos frades franciscanos preocupados em retribuir à mulher tudo o que ela teria feito por eles. Já a segunda conclusão era que, pela oração devota, a piedade de Deus inclinava-se ao seu chamado⁶¹. Por meio desse *exemplum* em que franciscanos oraram pela alma de uma mulher caridosa, a palavra “oração” designava uma súplica por socorro ou mesmo por intervenção na vida pecadora.

Em todo o conjunto de termos aqui analisados que designavam práticas de devoção relacionadas à contrição interior e à correção dos pecados, a palavra “oração” é um dos vocábulos mais centrais nos sermões ou recolhidas de *exempla*, não só da Coroa de Castela, mas também de outras plagas católicas do final da Idade Média. A grandeza atribuída à “oração” é notória logo no início dos sermões de São Vicente Ferrer, altura em que este dominicano exortava o povo à sua volta para orar a Ave Maria. Tal religioso ensinava essa oração no início de seus discursos e ainda retomava, em diferentes passagens, o tema da Ave-Maria a fim de dissertar acerca de seu poder salutar, como ocorreu no Sermão *Do caminho do Paraíso* (*Sermón del camino del paraíso*). Nesse sermão apregoadado no caminho a Ayllón entre os dias 23 e 29 de agosto de 1411, o dominicano assevera que a segunda jornada⁶² para se chegar ao Paraíso é *reverencia divinatorum*; isto é, aponta “a reverência às coisas divinas” como uma passagem para se atingir a salvação. Partindo do pressuposto de que a crença alimentada no coração moveria os gestos exteriores, São Vicente Ferrer dá o exemplo de uma pessoa que, ao se cruzar com um homem honrado, o saúda e o reverencia de maneira espontânea⁶³. Esse exemplo serviu de mote para

⁶⁰ O leitor ou ouvinte (tanto moderno como da época) pode ficar curioso para saber qual seria este pecado. Mas como a confissão era secreta, esta informação não poderia ser revelada – o que era também um incentivo aos fiéis para confiarem a sua alma ao confessor.

⁶¹ “Vet quanto aprovecha la limosna aunque es fecha en pecado e quanto vale la oración devota por las quales dos cosas se inclina la piedat de Dios e recibir la penitencia al tiempo de la muerte”. *Libro de los exemplos por A.B.C.*, p. 18.

⁶² No total, são estas sete jornadas: “la primera, *credencia articularum*; la segunda jornada es *reverencia divinatorum*; la terceira jornada es *bonivolencia proximorum*; la quarta jornada es *regentia menbrorum*; la quinta jornada es *diligentia agendorum*; la sexta jornada es *prudencia dicendorum*; la séptima e postrimera jornada es *custodia interiorum*”. Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 408.

⁶³ “La segunda jornada para yr a paraíso digo que es *reverencia divinatorum*. Esto es, que en todas nuestras cosas e en todas nuestras obras devemos traer en reverencia las cosas divinales. Assí como si aquí venía un omne e creyades en vuestros coraçones que es honrrado, aquella creencia vos movería a le fazer honrra e reverencia. E, assí, cata cómo segúnd la creencia del coraçón fazes la reverencia.” Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 409.

evidenciar que os gestos e as expressões exteriores, fosse um simples aceno ou especialmente uma reverência a Deus, permitiriam julgar o movimento da alma⁶⁴. Aliás, São Vicente Ferrer cita essa pequena cena de saudação, que todos ali provavelmente já haviam vivenciado independentemente se na pele de um ou outro personagem, com o objetivo de ensinar os homens e as mulheres a disciplinar seus gestos e a saber como deveriam se comportar durante as preces⁶⁵.

Na sequência desse mesmo sermão sobre a jornada rumo ao Paraíso, São Vicente Ferrer diz: “Quando fazemos oração, com grande reverência e humildade, devemos fincar os joelhos na terra, pois cremos que Deus é senhor de todo o mundo e cremos, outrossim, que está presente em todo lugar.” Tal dominicano ainda acrescenta: “(...) Se a um rei quando falas com ele fazes quanta reverência podes, quanto mais devias fazer quando falas com nosso Senhor Jesus Cristo, que sabes e crês que é Rei sobre todos os reis e Senhor sobre todos os senhores?”⁶⁶. Esse famoso pregador ensina aos fiéis de Castela a pensar em Deus na hora de orar o Pai Nosso e na Virgem Maria no momento em que declamavam a Ave Maria, e a não dizer essas orações com negligência enquanto se vestiam ou calçavam⁶⁷. Embora o sermão não fosse composto por uma glosa de termos e expressões no formato de um dicionário, prédicas como essa de São Vicente Ferrer cumpriam muito bem o papel de reforçar o uso de termos-chave de um vocabulário específico, o do universo espiritual.

Mesmo que sermões e *exempla* não glosassem as palavras como vieram a fazer os dicionários a partir do final do século XV, muitos de seus trechos

⁶⁴ Jean-Claude Schmitt, *La raison des gestes*, Paris, Gallimard, 1990, p. 43.

⁶⁵ Acerca do papel mnemônico do recurso retórico da *similitudo*, ver: Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 210.

⁶⁶ “Por tanto, buena gente, si nosotros avemos caminada la primera jornada, que es creencia, devemos caminar la segunda, que es reverencia en las cosas divinales. Primeramente, quando fazemos oración, con grand reverencia e humildat devemos fincar las rodillas en tierra, pues que creemos que Dios es señor de todo el mundo e cremos otrosí que está presente en todo lugar. E pues si a un rrey quando fablas con él fazes quanta reverencia puedes, ¿ cuánto mas devias fazer quando fablas con nuestro Señor Ihesú Christo, que sabes e cres que es Rrey sobre todos los reyes e Señor sobre todos los señores?”. Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 409-410.

⁶⁷ “Razón es que descubras la cabeça e finques las rodillas en tierra con muy humildat, e dizir el *Pater noster* pensando en Dios. E quando dizes la *Ave Maria*, debes pensar en la Virgen santa Maria e non dezir las oraciones con negligencia, vistiéndote e calçándote. ¡Ay, buena gente, por Dios, quando fablades con Dios, estad con grand rrevençia! E quando el clérigo dize la missa e el evangelio, Dios fabla convusco. E por esto devedes descobrir las cabeças al evangelio e callar e ascuchar a Dios devotamente”. Pedro M. Cátedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media*, p. 410.

ajudaram a naturalizar os usos cristãos de termos “choro”, “lágrimas”, “disciplina” e “oração”. Poucos gêneros conseguiram como sermões e recolhas de *exempla* obter um alcance tão amplo e atingir um vasto público nesse período⁶⁸. Antes do aparecimento da imprensa móvel, as lições dos sermões de São Vicente Ferrer ou mesmo o *Libro de los exemplos por A.B.C.* puderam se enraizar em Castela por meio de sua leitura pública; isto é, contribuíram para a promoção dos rudimentos da doutrina em campos e cidades dessa Coroa. Numa época em que os sínodos diocesanos estimulavam párocos a ensinar as regras da vida cristã⁶⁹, a audição de um sermão de *exempla* era, muitas vezes, a principal maneira de os simples poderem ampliar suas referências acerca do mundo, bem como seu vocabulário concernente às palavras que designavam práticas votivas. Assim como os sermões e os *exempla* imortalizavam-se em decorrência do prestígio alcançado por seus autores, o conteúdo deles, especialmente as palavras que compunham suas lições, ganharam vida longa e puderam vir a ser um dos patrimônios morais da produção religiosa de Castela do século XV.

Mesmo que as lições em que essas palavras são definidas não esgotem a análise do papel salutar da contrição, permitem sondar um quadro geral de regras e doutrinas condizentes à aprendizagem de diferentes modos de se corrigir um pecado naqueles tempos. Além disso, são palavras que nomeiam ações consideradas indicadas para o fiel católico manifestar uma vontade interior, isto é, a ânsia de querer revelar o arrependimento pelos pecados cometidos a partir de sacrifícios físicos e atos de louvor.

⁶⁸ A respeito dos *exempla*, ver: Marie-Anne Polo de Beaulieu, *Éducation, Prédication et cultures au Moyen Âge. Essai sur Jean Gobi Le Jeune*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, 1999.

⁶⁹ Daniel Baloup, “l’enseignement et les pratiques du salut en Castille au XV^e siècle” in Daniel Baloup (org.) *L’enseignement religieux dans la Couronne de Castille. Incidences spirituelles et sociales (XIII^e – XV^e)*, Madri, Casa de Velázquez, 2003, p. 106.